

BOLETIM 

DE OLHO

NO CORONA!



**Campanha
Maré diz NÃO
ao Coronavírus**

**REDESDAMARE.ORG.BR
FAÇA PARTE!**

Esta publicação faz parte da campanha Maré diz NÃO ao Coronavírus, viabilizada a partir da articulação com uma rede de parcerias com diversas instituições e pessoas físicas.

O "De Olho no Corona!" é um canal de acolhimento de moradoras e moradores das favelas da Maré sobre acesso a direitos, violações, casos da Covid-19 e as condições das políticas públicas no território em tempos de pandemia.

MORADORES RELATAM AS DIFICULDADES NO ATENDIMENTO DAS UNIDADES DE SAÚDE

Esta 5ª edição do Boletim "De Olho no Corona!" apresenta relatos de moradores da Maré, com sintomas de infecção pelo novo coronavírus, sobre a dificuldade de acesso ao atendimento nas unidades básicas de saúde (UBS), clínicas da família, unidades de pronto atendimentos (UPA) e hospitais da região. Os principais problemas identificados foram a falta de acolhimento e acompanhamento das pessoas com sintomas leves – resultando, em alguns casos, no agravamento do quadro e no óbito – e a ausência de leito nos hospitais levando à peregrinação por várias unidades de saúde. Tais impressões foram compiladas a partir da análise dos dados coletados e das entrevistas sociais online, ambas, frentes da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, da Redes da Maré.

MORADORES COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ ATÉ 01/06

631

PESSOAS COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ



211

CASOS CONFIRMADOS
Painel Rio Covid-19

420

CASOS SUSPEITOS, SEM CONFIRMAÇÃO
"De Olho no Corona!"

ÓBITOS POR COVID-19 NA MARÉ ATÉ 01/06

75

ÓBITOS SOB SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ



52

ÓBITOS COM CONFIRMAÇÃO DA DOENÇA
Painel Rio Covid-19

23

ÓBITOS COM SUSPEITA DE COVID-19, SEM CONFIRMAÇÃO
"De Olho no Corona"

PROTÓCOLOS DE ATENDIMENTO A PACIENTES DE COVID-19

Desde o início da pandemia, a recomendação do Ministério da Saúde à população é de não procurar unidades de saúde ao apresentar sintomas leves de Covid-19. A orientação nesses casos é o isolamento domiciliar por 14 dias, juntamente com todos que vivem no mesmo domicílio, para evitar a sobrecarga das unidades de saúde e a propagação do vírus nos ambientes de espera. A partir do canal de comunicação com os moradores da Maré, feito pela Redes da Maré, o “De Olho no Corona!” verificou que essa orientação contribuiu para que muitos moradores não procurassem o atendimento nas unidades de saúde e optassem pela automedicação. Dos que procuraram uma unidade de saúde, boa parte relatou não ter recebido o acompanhamento posterior das unidades básicas e, em casa, os sintomas acabaram agravados. Nos casos sintomáticos mais acentuados, são frequentes os relatos de encaminhamento para casa diante da falta de vagas nas unidades de pronto atendimento e hospitais.

O documento mais recente que trata de protocolos de atendimento para os casos leves e graves do novo coronavírus é o “Manejo de pacientes com Covid-19 pela Atenção Primária à Saúde (APS)”¹, publicado no dia 12 de maio de 2020 pela Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro. Segundo o documento, esses casos devem ser monitorados pelas unidades básicas de saúde a distância a cada 48 horas e até 14 dias após o início dos sintomas. Os casos graves devem ser avaliados na Atenção Primária de Saúde e, de acordo com o quadro clínico, devem ser encaminhados para hospitais ou unidades de pronto atendimento.

No dia 19/05, o novo secretário de Saúde do Rio de Janeiro, Fernando Ferry, questionou pontos do protocolo atual advertindo que é necessário que as pessoas sintomáticas sejam tratadas em estágios iniciais da doença, para reduzir a necessidade de tratamento intensivo. Na ocasião, Ferry avaliou que apenas analgés-

NOS CASOS SINTOMÁTICOS MAIS ACENTUADOS, SÃO FREQUENTES OS RELATOS DE ENCAMINHAMENTO PARA CASA DIANTE DA FALTA DE VAGAS NAS UNIDADES DE PRONTO ATENDIMENTO E HOSPITAIS.

sico e antitérmico em isolamento domiciliar não são eficazes para o tratamento de todos e, por isso, o paciente retorna às unidades de saúde já com “50% a mais [de infecção] no pulmão” e agravamento respiratório, o que acaba demandando a intubação endotraqueal. Neste sentido, anunciou que iria implantar no estado do Rio de Janeiro um novo protocolo para pacientes de Covid-19, com tratamento na fase dos primeiros sintomas².

No entanto, em 22/05³, o secretário de Saúde fez nova declaração informando que aquilo que chamou de protocolo seria, na verdade, uma recomendação a depender da conduta médica. Justificou que o objetivo das propostas é ampliar o atendimento dos pacientes em ambulatório, oferecer mais leitos de enfermaria e reduzir a necessidade de leitos de UTI, mas as mudanças poderiam ser revistas. O fato é que as novas recomendações foram postas em xeque por alguns especialistas, sob o argumento de que, sem novos leitos equipados com respiradores, o atendimento será insuficiente, pois o sistema de saúde não tem condições de absorver essa demanda. A Secretaria de Saúde do Estado divulgou que as mudanças estão sendo analisadas por um corpo técnico capacitado e não há prazo para a publicação de novas recomendações.

Em meio a esse impasse, os moradores da Maré com sintomas de coronavírus enfrentam dificuldades no acolhimento nas unidades básicas de Saúde e clínicas da família, relatando a deficiência no acompanhamento dos casos que estão em isolamento domiciliar, a falta de medicamentos, a lotação na UPA e a extrema dificuldade na recepção dos casos graves, com hospitais superlotados, falta de testes e espera por leitos para internação em hospitais.

NÚMEROS DE COVID-19 NA MARÉ

O número de pessoas infectadas pelo novo coronavírus continua crescendo no Brasil, que permanece como o segundo país em ocorrência, totalizando 514.849 casos confirmados e 29.314 óbitos até o dia 01/06. No município do Rio de Janeiro, segundo o Painel Rio COVID-19, administrado pela Prefeitura, até a mesma data havia 30.014 casos confirmados e 3.671 óbitos, destes, 211 casos e 52 óbitos de moradores da Maré. Assim, entre os dias 25/05 e 01/06, o número de casos confirmados no município aumentou 34% e o de óbitos, 30%. Já na Maré, no mesmo período, o número de casos confirmados subiu 49% - de 142 para 211. No dia 01/06, o Painel Rio COVID-19 mostrou a Maré como o bairro favelado com o maior número de casos confirmados de coronavírus na cidade⁴.

Dados do “De Olho no Corona!” apontam que, até o dia 01/06, 420 moradores apresentaram sintomas da doença, mas não tiveram acesso a testes ou diagnóstico. Somando esses aos 211 confirmados no Painel Rio Covid19, tem-se uma medida estimada da parcela de moradores que não consegue o diagnóstico e, em muitos casos, nem o atendimento adequado. No universo aqui proposto, contando casos confirmados e suspeitos até o dia 01/06, essa parcela corresponde a 67% das pessoas acometidas.

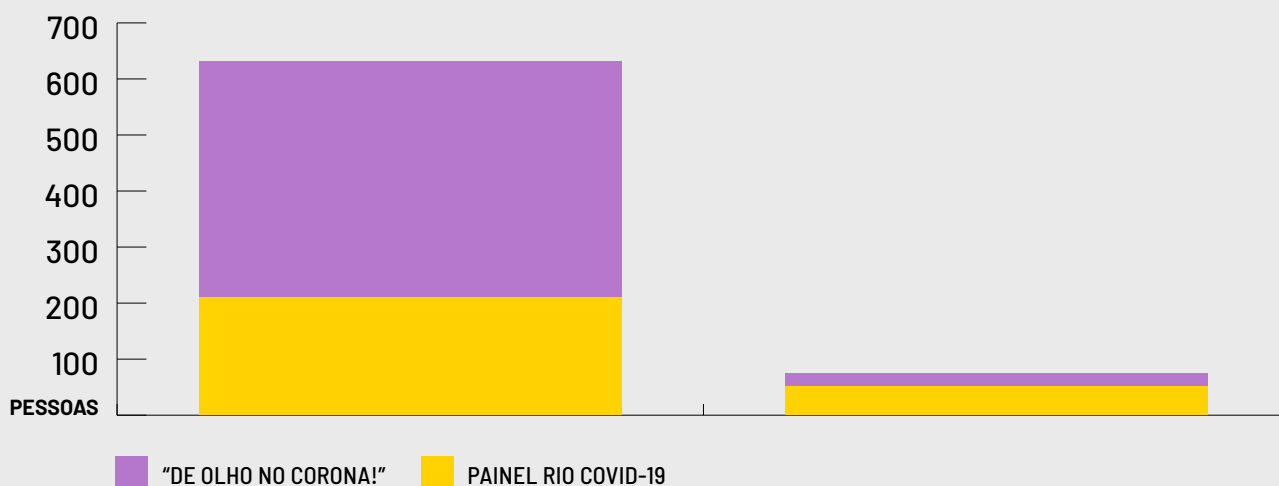
Em relação aos moradores que faleceram, o “De Olho no Corona!” contabiliza 23 óbitos com suspeita de Covid-19, sem confirmação. Cabe ressaltar que o Ministério da Saúde informa 1.039 óbitos em investigação em toda a cidade até o dia 01/06. Na Maré, o levantamento do “De Olho no Corona!”, junto ao número de óbitos já confirmado pelos órgãos públicos, indica que 31% ainda não constam na contagem oficial.

631

MORADORES COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ ATÉ 01/06

75

ÓBITOS POR COVID-19 NA MARÉ ATÉ 01/06



MORADORES RELATAM DIFICULDADE NO ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM COVID-19 NA MARÉ

O conjunto de favelas da Maré dispõe de sete unidades de Atenção Básica à Saúde (quatro Clínicas da Família e três Centros Municipais de Saúde) e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). A partir do acompanhamento do “De Olho no Corona!”, observa-se que a maioria das pessoas com sintomas de Covid-19 que buscou atendimento o fez na rede pública instalada na Maré ou em hospitais próximos à região, como o Hospital Municipal Evandro Freire e o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.

Com base no levantamento realizado pelo “De Olho no Corona!”, é possível destacar duas situações que se repetem nos relatos:



- moradores com sintomas leves que foram atendidos nas unidades de saúde e, ao voltar pra casa, não tiveram acompanhamento e chegaram a apresentar agravamento do quadro.



- moradores que peregrinaram entre as unidades de saúde e não conseguiram qualquer tipo de atendimento, o que também implicou no agravamento dos sintomas e, em alguns casos, resultou na morte.

Leia aqui alguns relatos que consideramos significativos no conjunto de entrevistas sociais conduzidas com moradores da Maré, por telefone, a partir do acompanhamento da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**:



[RELATO 1] “Meu companheiro começou a apresentar sintomas como febre e calafrios. Estávamos cuidando em casa até que os sintomas se agravaram e procuramos uma Clínica da Família na Maré. Foi recomendado que ele voltasse pra casa e ficasse em isolamento, pois estava apresentando sintomas leves. Após algumas horas do atendimento, meu companheiro apresentou muita falta de ar e desmaiou. Levamos ele para o Hospital Evandro Freire onde foi intubado imediatamente. Ele morreu uma semana depois.”



[RELATO 2] “Meu pai de 67 anos ficou internado na UPA Maré por dois dias, sendo tratado como caso de Covid-19. Mesmo não estando recuperado, a UPA deu alta pra ele e orientou que continuasse o tratamento em casa, seguindo as orientações de precaução e isolamento domiciliar. A gente não conseguiu comprar um dos medicamentos prescritos pelo médico da UPA e a unidade não o disponibilizou. Em casa, meu pai não apresentou melhoras, continuou com falta de ar e sem paladar. Não estava sendo acompanhado por nenhuma unidade de saúde, nem a distância. Em poucos dias, meu pai piorou e levamos ele novamente pra UPA Maré, mas ele morreu antes mesmo de conseguir atendimento.”

Os dois primeiros relatos ilustram a ineficiência do protocolo de atendimento estabelecido pelas unidades de saúde, mesmo quando os pacientes têm acesso a algum tipo de atendimento. Nos dois casos, pessoas foram a óbito após receberem a orientação de realizar o tratamento em casa. As unidades básicas de saúde, por exemplo, não estão acompanhando a cada 48 horas os sintomas de todas as pessoas que são encaminhadas para o isolamento domiciliar. A falta de medicamento nas unidades aparece também como um importante fator que prejudica a continuidade do tratamento, pois muitos moradores da Maré não têm renda que permita comprar determinados remédios.

É importante destacar que a situação da saúde no município do Rio de Janeiro é de precarização e de redução de investimentos por parte do poder público, sobretudo, nos serviços de atenção básica. Em 2017, a cidade contava com mais de 70% de cobertura de Unidades Básicas de Saúde, porém, desde então, tais serviços

OS DOIS PRIMEIROS RELATOS ILUSTRAM A INEFICIÊNCIA DO PROTOCOLO DE ATENDIMENTO ESTABELECIDO PELAS UNIDADES DE SAÚDE, MESMO QUANDO OS PACIENTES TÊM ACESSO A ALGUM TIPO DE ATENDIMENTO.

estão experimentando sucessivos cortes. No ano de 2018, um conjunto de medidas administrativas e decisões políticas foram tomadas pela gestão municipal produzindo um desmonte do setor. Ao longo de 2019, as equipes de Saúde da Família tiveram muitos atrasos salariais, além de demissões e faltas de insumos básicos para o funcionamento adequado, culminando no quadro atual, em que o município dispõe de pouco mais de 50% de cobertura da Atenção Básica à Saúde.



[RELATO 3] “Tive sintomas graves de Covid-19: falta de ar, dor nos ossos, vertigem, desmaio... Fui até a UPA da Vila do João, mas não consegui ser atendida, pois estavam atendendo pessoas que aparentemente estavam morrendo. Fui no Hospital da UFRJ, mas também não consegui ser atendida. Lá me disseram que só estavam atendendo quem já tinha ficha. Voltei pra casa e comprei paracetamol e anti-inflamatório para as dores no corpo. Uma amiga enfermeira me chamou atenção por tomar o anti-inflamatório sem prescrição médica, mas foi a única saída.”



[RELATO 4] “Comecei a sentir tosse e falta de ar no domingo e no dia seguinte febre. Por ser do grupo de risco (problemas respiratórios pré-existentes) comecei uma peregrinação nos serviços de saúde. Estive em uma Clínica da Família na Maré, na UPA Maré, no Hospital Municipal Miguel Couto, e em todas essas unidades solicitei que eu retornasse para casa sem a realização de nenhum exame. Tive muitas despesas com transporte e medicações”. Segundo relato da família, essa moradora não conseguiu atendimento em nenhuma unidade. Apesar do isolamento domiciliar, não apresentou melhoras, até que na quarta-feira a levaram para a UPA Botafogo, onde realizou exames de imagens que mostraram alterações no pulmão. Foi transferida para o Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, onde permanece na UTI.

Um fato que chama atenção nos relatos é a automedicação. Algumas pessoas buscaram medicação por conta própria com medo de ir até as unidades de saúde e outras porque não conseguiram atendimento médico. Os profissionais da saúde reafirmam que é necessário ter cautela com essa prática, já que apenas o médico é capaz de fazer o diagnóstico de

sintomas e definir o tratamento adequado. Outra questão preocupante é a autoavaliação da evolução dos sintomas. Importante ressaltar que nenhum cidadão leigo, sem conhecimento técnico, é habilitado para fazer a avaliação dos seus sintomas. O acompanhamento dos sintomas deve ser feito por profissionais de saúde.



[RELATO 5] “Estive em São Paulo e, quando voltei, comecei a ter febre, calafrios, vômito, diarreia, tosse e dor nas costas. No início do mês, busquei atendimento na Clínica da Família e não consegui atendimento por apresentar sintomas leves. Fui para uma clínica particular, fiz exame de raio-x e estava com 50% do pulmão comprometido. O médico me orientou a ir para o hospital, pois precisava internar. Fui no Hospital Municipal Evandro Freire e demorei muito para ser atendida, quando recebi atendimento médico, disseram que, de fato, eu precisaria de internação, mas não tinham vaga. O médico disse que eu tinha a opção de esperar em uma cadeira no corredor ou fazer o tratamento em casa. Fui para casa, gastei mais de R\$ 300 com remédios. Um dinheiro que eu não tinha. Minha família está vivendo do bolsa família e com o valor do auxílio emergencial.”

O relato 5 descreve um dos maiores problemas da pandemia: a falta de leitos para internação. Com o aumento contínuo de pessoas contaminadas, os hospitais públicos estão no limite da ocupação. Alguns setores da sociedade defendem a estatização dos leitos privados e uma fila única de espera como alternativa para desafogar os hospitais públicos. O prazo anun-

ciado pelo Governo do Estado para a implantação dos hospitais de campanha era final de abril e, até a edição deste Boletim, apenas um foi inaugurado, no Maracanã⁵. Os hospitais de campanha exclusivos para pacientes infectados com o novo coronavírus são determinantes para alocar as pessoas que estão na fila de espera por leitos.

Esta edição do Boletim “De Olho no Corona!” aponta a dificuldade que moradores da Maré têm vivenciado para ter acesso aos serviços de saúde e ressalta as temerárias consequências do protocolo de atendimento dos chamados casos leves sem a garantia do acompanhamento virtual e/ou telefônico, colocando as pessoas em risco. A automedicação, o medo de buscar as unidades de saúde e a ausência do acompanhamento dos sintomas têm levado muitas pessoas a procurar hospitais já em estado grave e, por isso, com menores chances de recuperação.

Em meio à pandemia, é inquestionável a importância do Sistema Único de Saúde, de seus diferentes níveis de Atenção à Saúde e de seus profissionais. É importante destacar que cada

EM MEIO À PANDEMIA, É INQUESTIONÁVEL A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE, DE SEUS DIFERENTES NÍVEIS DE ATENÇÃO À SAÚDE E DE SEUS PROFISSIONAIS.

nível de Atenção à Saúde tem uma responsabilidade no controle da disseminação do vírus. O acompanhamento e o monitoramento por parte das Unidades Básicas de Saúde tendem a desafogar a procura nas unidades de média e alta complexidade, pois o acolhimento inicial e o tratamento adequado desde os primeiros sintomas da doença são fatores decisivos na recuperação das pessoas contaminadas.

A Redes da Maré chama atenção do Poder Público para sua responsabilidade em investir recursos materiais e humanos nas unidades de Atenção Básica, para que estas possam realizar o monitoramento dos casos suspeitos e confirmados de Covid-19, nas unidades de pronto atendimento, para que tenham condições de receber, cuidar e encaminhar as pessoas com sintomas agravados, e na rede hospitalar, inclusive as prometidas unidades de campanha, para que a população tenha acesso a leitos nos casos graves. A contenção da pandemia exige esforços de todos os entes federativos na promoção e cuidado em Saúde - e a população não pode esperar.



FONTES:

- 1 https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/manejo_pacientes_COVID-1-1.pdf
- 2 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/rj-vai-implantar-novo-protocolo-de-tratamento-para-pacientes-de-covid-19-com-tratamento-em-fase-inicial-da-doenca.ghtml>
- 3 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/22/secretario-de-saude-do-rj-desiste-de-aplicar-novo-protocolo-para-pacientes-com-covid-19.ghtml>
- 4 O Painei Rio Covid-19 tabula os dados por bairro. Assim, entre os 162 bairros da cidade do Rio de Janeiro, este Boletim considera como bairros favelados: Acari, Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Jacaré, Jacarezinho, Mangueira, Manguinhos, Maré, Rocinha, Vidigal e Vila Kennedy. <https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4>
- 5 Conforme matéria do telejornal RJ 1, do dia 02 junho, os demais hospitais de campanha anunciados pelo Governo do Estado estão previstos para outros municípios: Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São Gonçalo, Nova Friburgo, Casimiro de Abreu e Campos dos Goytacazes. Fonte: RJTV 1, de 02/06/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8597018/programa/>

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



FOTOS DE DOUGLAS LOPES



Campanha
**Maré diz NÃO
ao Coronavírus**

REDESDAMARE.ORG.BR
FAÇA PARTE!



E5-06-20

